



MÍDIA, ARTE E PODER: EMBATES E CONTROLE DE IMAGEM

Resenha do artigo: MIKLOS, Jorge; PENNA, T. *No Interlúdio da Imagem: Iconoclastia e Iconofagia no Neopentecostalismo Brasileiro*. LUMEN ET VIRTUS, v. IX, p. 88-114, 2018.

■ ALDONES NINO¹

¹ Doutorando em Historia y Arte pela Escuela Internacional de Posgrado de la Universidad de Granada (UGR) em cotutela com o Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: aldon.es.c@gmail.com

Recebido em: 25/10/2019

Aprovado em: 28/10/2019



Tornou-se uma das questões cruciais da sociedade brasileira atual o avanço da relação entre as igrejas neopentecostais e as redes de comunicação de massa, fato que vem ganhando cada vez mais protagonismo no campo das artes visuais. Em uma disputa cada vez mais acirrada, artistas e fiéis discutem o tensionamento das possibilidades de usos de imagens religiosas. Variadas contribuições sobre o modo como essas questões atravessam nosso presente podem ser encontradas nos antecedentes históricos da relação entre imagem, arte e religião. O artigo *No Interlúdio da Imagem: Iconoclastia e Iconofagia no Neopentecostalismo Brasileiro*, publicado no nº 23 da Revista Lumen et Virtus (dez/2018) pelo Prof. Jorge Miklos e pela Profa. Tatiana Penna, aponta como o neopentecostalismo midiático moldado na sociedade do espetáculo e do entretenimento passa a incorporar técnicas oriundas dos meios de comunicação massiva com foco no amplo alcance da difusão tecnológica de seus produtos², um dos elementos centrais da série de pinturas da *Mitomania* (2016) de Lucas Lugarinho e do também do filme *Terremoto Santo* (2017) de Bárbara Wagner & Benjamin de Burca.

² Para mais detalhes ver: SOUZA, André Ricardo de. *O empreendedorismo neopentecostal no Brasil*. Ciencias Sociales y Religión, v. 13, p. 13-34, 2011.

Trabalhos como a série fotográfica *Ecléticos*, de Marcos Chaves (2001) e a pintura *Cruzando Jesus Cristo com o Deus Shiva* (1996) de Fernando Baril colocaram no centro do debate a apropriação de imagens vinculadas ao universo religioso e a produção artística. A polêmica envolvendo a exposição *Queermuseu* (2017) apenas evidenciou questões latentes tensionadas por eventos anteriores, vide exemplo, *Desenhando em Terços* (2005) de Márcia X, obra retirada da exposição no CCB-RJ em 2006 ou pela onda de fúria enfrentada por Antônio Obá, na realização do trabalho *Atos da transfiguração: receita de como fazer um santo* (2015), que resultou no auto-exílio do artista após perseguições e ameaças de morte. Enquanto no período barroco a retórica teve grande preponderância no discurso artístico, em prol dos interesses religiosos, na contemporaneidade a arte possibilita o hackeamento dessas composições imagéticas. Esses são apenas alguns episódios de grande repercussão nacional que apontam para a importância do debate acerca do status das imagens religiosas e seus usos na cena cultural midiática contemporânea.

Miklos e Penna apontam a necessidade de perceber como os *fenômenos contemporâneos são irrigados por rizomas mais profundos, diacronicamente e sincronicamente, e que não aparecem na superfície* (MIKLOS; PENNA, 2018, p. 91). Os autores indicam como essa nova cultura visual religiosa no neopentecostalismo atravessa um contexto sociocultural de midiatização do imaginário religioso. O artigo afirma que *a base teórica para pensar esse tema não é a História da Arte (Idem)*. Compreendo, contudo, que a história da arte é um campo autônomo de conhecimento com especificidades centradas nas questões da arte e da visualidade, um campo híbrido capaz de apresentar teses que tenham como um dos pilares a riqueza epistemológica e o relacionamento com várias disciplinas³. O artigo aponta para o crescimento da importância do movimento pentecostal independente após a década de 1990, e faz o uso do termo *cultura gospel*, que teve seu processo de formação abordado por Magali do Nascimento Cunha em sua Tese de doutorado em Comunicação, defendida na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo em 2004⁴.

Partindo da análise de perspectivas de três tradições religiosas monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo), o artigo recupera precedentes históricos relacionados ao debate entre imagem e idolatria. Por este prisma a reflexão apoia-se nos estudos acerca dos processos iconofágicos da cultura e de suas interferências no cenário religioso (MIKLOS; PENNA, 2018, p.

³ Vide: Projeto Pedagógico do Curso de História da Arte elaborado pelo Departamento de História e Teoria da Arte da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017).

⁴ CUNHA, Magali. *Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil*. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

91), fundamentados em teóricos como Mircea Eliade, Joseph Campbell, Aby Warburg, Günter Gebauer, Christoph Wulf, Edgar Morin, Hans Belting, entre outros. Considerando processos de iconoclastia e idolatria, é possível acrescentar que as *imagens não apenas vivem mais, como criam estratégias culturais de sobrevivência, perpetuando-se sob as mais diversas e insuspeitas formas* (MIKLOS; PENNA, 2018, p. 95). No decorrer do texto ficam evidentes as implicações referentes à questão do uso das imagens, ora assimilando, ora negando sua potencialidade em um constante vai e vem. Os autores passeiam por diversos episódios que reiteram o resgate do simbolismo religioso, explorando novas modalidades de imagem e experiência religiosa contemporânea, extrapolando os limites nacionais, vide os exemplos elencados da manifestação do Papa João Paulo II, líder mundial da Igreja Católica, em 12 de outubro de 1995, quando o bispo Sérgio Von Helder da Igreja Universal do Reino de Deus, em programa televisivo *O Despertar da Fé*, transmitido pela Rede Record (emissora pertencente a Universal), destrói uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, considerada pelos católicos a padroeira do Brasil.

Um dos principais destaques do texto é a eficiência com o qual articula referências de tempos e geografias distintas, abordando desde imagens presentes nas Catacumbas de Santa Priscila, em Roma (Sec. II), até a performance da atriz Viviany Beleboni na *19ª edição da Parada do Orgulho LGBT* de São Paulo (2015), como também o trágico desfecho resultante da publicação de charges no jornal francês Charlie Hebdo, estopim para o massacre ocorrido em 7 de janeiro de 2015, em Paris, resultando na morte de doze pessoas pela *Al-Qaeda da Península Arábica* (AQPA).

O artigo demonstra de que modo uma abordagem transdisciplinar à história da arte poderia contribuir com o avanço de pesquisas que tenham aproximações entre religiosidades contemporâneas e as novas práticas do mundo virtual e midiático. Os autores consideram não apenas os usos da imagem em seu contexto sacro, mas também de resistência e insubordinação, enunciando uma reorganização no estatuto de criação e circulação de imagens. Como nos trabalhos desenvolvidos pelas artistas Ventura Profana, *Tabernáculo da Edificação* (2019) e *A Cristalização de Brasília* (2019) de Guerreiro do Divino Amor e nas reapropriações imagéticas presentes nos trabalhos da *Fudidasilk* - um coletivo-cooperativa de serigrafia formado por artistas estudantes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A cada dia surgem novas elaborações acerca da cultura neopentecostal e da atualização de suas estratégias, *em especial*, porque, para difundir seus produtos e propostas de mundo, essas instituições utilizam suportes técnicos, investindo significativamente em meios midiáticos para propagação de suas marcas (MIKLOS; PENNA, 2018, p. 112).

Fica claro no decorrer do texto que o significado da imagem religiosa na cena cultural contemporânea engendra discursos carregados de sentidos controversos, indo desde ameaça à integridade física de artistas, até mesmo a atentados terroristas. A eclosão de estudos e propostas artísticas que abordem o debate em torno do neopentecostalismo vai ao encontro dos debates acerca das estruturas mentais de adeptos de segmentos religiosos no Brasil, já que preceitos vinculados a predestinação divina e ao sagrado reverberam no mundo político, em especial na democracia⁵.

⁵ Para mais detalhes ver: COPELLI, Giancarlo Montagner. *Neopentecostalismo e democracia no Brasil: Entre os eleitos de Deus, há espaço para os iguais da democracia?* Revista Jurídica Direito, Sociedade e Justiça, v. 1, p. 1-17, 2014.